



COMUNICAÇÕES

Simpósio de Filosofia: 50 anos sem Heidegger?

(Técnica, Obra de arte e Diferença Ontológica)

PUC Minas

2026

A INSUFICIÊNCIA DA LINGUAGEM HUMANA NO *DE MAGISTRO*, DE SANTO AGOSTINHO

André Henrique Resende Porto

No diálogo com seu filho, Adeodato, Agostinho o incita e provoca a produzir definições cada vez mais precisas de termos de uso comum como “signo” e “palavra”; as aporias a que o jovem chega permitem ao sábio doutor expor a complexidade do processo de comunicação verbal, demonstrando que as estruturas da língua se relacionam e exprimem as estruturas do pensamento e da conceitualização de forma menos evidente do que se costuma imaginar. Posto isto, perguntamo-nos: de que maneira Santo Agostinho, em *De Magistro*, demonstra a insuficiência da linguagem humana, enquanto instrumento limitado para transmitir a verdade e por que essa limitação, à luz de um horizonte teológico, conduz à necessidade do Mestre interior, Cristo, como fonte última do conhecimento? A relevância do estudo deste tema está em compreender como Agostinho estabelece os limites da linguagem humana e, ao mesmo tempo, abre caminho para uma teoria do conhecimento ancorada na interioridade e na transcendência. Essa investigação é importante não apenas para a história da filosofia, mas também para a teologia, pois ressalta a centralidade de Cristo como fundamento da verdade. Assim, o projeto utilizado como base para a Comunicação se justifica pela necessidade de aprofundar a compreensão da insuficiência da linguagem humana em *De Magistro*, explorando tanto seus aspectos filosóficos quanto teológicos, bem como seu impacto para a tradição intelectual cristã.

A VIDA ANIMAL COMO QUESTÃO MORAL EM CHRISTINE KORSGAARD

André Luís Gonçalves

No desenvolvimento recente de sua filosofia moral, Christine Marion Korsgaard, filósofa estadunidense de matriz kantiana, passou a tratar diretamente da vida animal como questão moral, especialmente em *Fellow Creatures: Our Obligations to the Other Animals* (2018). Essa reflexão dialoga com sua investigação anterior sobre agência, identidade e normatividade em *Self-Constitution: Agency, Identity, and Integrity* (2009) e textos correlatos. Esta pesquisa examina como a autora permite repensar a consideração moral das criaturas sencientes sem atribuir a elas a racionalidade reflexiva própria dos agentes morais humanos. A questão central consiste em compreender como suas vidas podem ser boas ou más para elas mesmas. Para isso, serão desenvolvidos três eixos: a consciência animal como perspectiva própria sobre o mundo; a dor como percepção de uma razão e como fato normativo; e o bem próprio como expressão da vida, do bom funcionamento e da forma de existência de cada criatura senciente. A análise pretende mostrar que os animais não humanos não são meros corpos vivos submetidos a estímulos externos, nem agentes morais semelhantes aos seres humanos. Eles são criaturas conscientes, vulneráveis e orientadas por aquilo que favorece ou ameaça sua própria vida. Por isso, sua existência deve ser incluída no campo da consideração moral.

ADEQUATIO INTELLECTUS ET REI: OS VÁRIOS MODOS DE DIZER DO VERDADEIRO NO *DE VERITATE* DE SANTO TOMÁS DE AQUINO

Alexandre José Rabelo Peixoto

Tomás de Aquino reuniu uma coletânea das chamadas *disputationes*, as quais foram produzidas em sua sala de aula quando ainda era professor na Universidade de Páris; dentre essas tratou sobre a verdade. A obra *Questões disputadas sobre a verdade* trata propriamente de *veritate* na primeira questão contendo doze artigos que foram discutidos por seus alunos, e solucionado pelo próprio autor da obra. Motivado pela querela dos universais, iniciada por Boécio e fortemente trabalhada por vários autores da época, Tomás se desdobra no árduo trabalho sobre o papel dos universais, e, assim, o que se pode dizer do que é verdadeiro. O primeiro artigo discute diretamente o que é a verdade, e, ao buscar a solução da relação do intelecto com o ente chega à conclusão de três definições: ontológica, lógica e gnosiológica. O restante dos artigos discutirá os vários modos de dizer do verdadeiro e em quais circunstâncias podem ser ditos. Nestes há de ter a problemática se a verdade se encontra no intelecto ou nas coisas, se ela é imutável, se há uma verdade primeira etc. Disso Tomás chegará em vários termos para diferenciar as verdades que podem ser ditas, como verdade eterna, verdade criada, verdade divina, entre outras.

O HOMEM, MELHORADO OU SUPERADO?

Ângelo Augusto Antunes Ferreira

Esta comunicação propõe uma análise do *status quaestionis* da definição de ser humano e da relação entre transumanismo e pós-humanismo sob o prisma antropológico-filosófico. O problema fundamental de toda a filosofia foi formalizado por Kant em sua obra *Lógica* com o seguinte questionamento: “*O que é o homem?*”. A resposta a essa pergunta tem se tornado cada vez mais complexa, visto que a própria indagação está ameaçada tanto pelas modificações e melhoramentos transumanistas quanto pelo horizonte pós-humanista que se avizinha. O principal referencial teórico é o artigo *Introduzindo o Pós-Humanismo e o Transumanismo*, de Robert Ranisch e Stefan Lorenz Sorgner. O objetivo desta comunicação é esboçar as diferenças conceituais entre essas duas abordagens, o que se realiza pelo método hermenêutico-comparativo, uma averiguação crítica acerca dos textos abordados. Este estudo conclui que ambos os movimentos se contrapõem ao paradigma humanista fundado com o Iluminismo, mas têm pressupostos e métodos diferentes: um, com o princípio de melhoramento tecno-otimista, ainda enraizado na ideia de perfectibilidade rousseauiana; o outro, pela desconstrução da noção de humano.

A MORTE E SUAS LIÇÕES PARA A VIDA: UMA ABORDAGEM DA ODISSÉIA ÀS QUESTÕES EXISTENCIAIS CONTEMPORÂNEAS

Arthur Felipe Volpi Marques

A morte sempre foi uma questão relevante para os seres humanos das mais distintas épocas, lugares e condições. Não se trata, absolutamente, de uma discussão trivial ou um interesse mórbido e macabro. Ao contrário, trata-se de um problema fundamental para a própria vivência do homem. Saber do fim da existência presente é conhecer, também, o que a define e motiva. Certamente, uma abordagem notável é o diálogo, na Odisseia de Homero, entre Ulisses e Aquiles no Hades, o mundo dos mortos, os quais abordam o tema por meio de considerações sobre glória, simplicidade, satisfação e memória. Apesar de sua antiga composição, a epopeia fornece contribuições significativas para as questões existenciais do homem contemporâneo, como as suscitadas por Martin Heidegger. À semelhança dos helenos, o filósofo também se perguntava sobre a finitude e via nessa meditação um fator determinante para as escolhas dos indivíduos. Assim, a presente comunicação convida ao interlocutor a tomar parte na discussão, na expectativa de que possa considerá-la com seriedade em sua própria vida e no modo como a conduz.

A EXPERIÊNCIA DO ESPANTO POR MEIO DA ARTE: O DEMORAR-SE DO *DASEIN* A PARTIR DO PENSAMENTO MEDIANTE NA ERA DA INFORMAÇÃO

Arthur Nunes

Este artigo investiga, a partir do pensamento de Martin Heidegger, de que maneira a era da informação e o fluxo excessivo de conteúdos digitais contribuem para o enfraquecimento da capacidade de espantar-se, comprometendo a abertura originária do ser e favorecendo modos inautênticos de existência. Tomando como eixo a distinção entre pensamento calculante e pensamento meditante, o trabalho discute o espanto como tonalidade afetiva fundamental capaz de abrir o Dasein a uma relação mais originária com o ser e com o mundo. Busca-se compreender como a lógica das redes sociais, marcada pela velocidade, superficialidade e consumo contínuo de informações, afasta o Dasein de uma experiência mais própria de si mesmo. Em contrapartida, propõe-se a arte como possibilidade de ruptura com o automatismo cotidiano, capaz de reativar o pensamento meditante em um demorar-se e promover experiências de estranhamento, desvelamento e retomada da autenticidade. Conclui-se que a experiência estética pode favorecer um reposicionamento existencial do Dasein diante da técnica contemporânea.

A PALAVRA COMO TERRITÓRIO IDEOLÓGICO: CONTRIBUIÇÕES DE VOLÓCHINOV PARA A FILOSOFIA DA LINGUAGEM

Bruno Medeiros de Assis

Nos estudos da Filosofia da linguagem, a palavra ocupa lugar central, sobretudo a partir das contribuições de Volóchinov e do Círculo de Bakhtin. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Volóchinov (2018) afirma que a palavra constitui o indicador mais sensível das transformações sociais, pois nela se entrelaçam os múltiplos fios ideológicos presentes em toda comunicação humana. Nesse horizonte teórico, a linguagem deixa de ser compreendida apenas como estrutura abstrata e passa a ser entendida como prática social e histórica, vinculada às condições concretas da enunciação. Este trabalho busca demonstrar que, para Volóchinov, a palavra representa também um território comum entre locutor e interlocutor, sendo produzida nas relações sociais que constituem o ato discursivo. Para isso, realizamos um estudo da obra do autor, investigando como o conceito de palavra evidencia a orientação social dos processos enunciativo-discursivos. Observamos que a enunciação é determinada tanto pela situação social imediata quanto pelo contexto social mais amplo, que organiza os sentidos do dizer. Como exemplificação, analisamos a palavra “Aleluia”, que assume diferentes sentidos conforme o contexto discursivo. No cotidiano, pode indicar celebração, alívio ou conquista; já no discurso religioso cristão-católico, adquire dimensão litúrgica, relacionada ao anúncio do Evangelho e à escuta da Palavra sagrada. Assim, a palavra revela-se espaço dinâmico de produção ideológica e interação social.

A ÉTICA DO CUIDADO E DO HABITAR: PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS SOBRE A EXTENSÃO EM COMUNIDADES E A GARANTIA DOS DIREITOS

Carla Carolina Rodrigues de Almeida

A presente comunicação propõe uma reflexão filosófica sobre a prática de extensão universitária como ferramenta de efetivação de direitos fundamentais em comunidades marginalizadas. A partir da provocação teórica de Heidegger sobre a essência da técnica e o conceito de “habitar”, questiona-se como a universidade pode atuar frente ao processo de desumanização contemporâneo. Argumenta-se que a técnica moderna, ao reduzir o humano a categorias funcionais, negligencia as “periferias existenciais” e os direitos básicos daqueles que não se ajustam à lógica produtivista. Nesse contexto, as atividades de extensão, pautadas pela escuta, pela arte e pelo cuidado, surgem como um gesto de resistência que busca restituir o sentido de pertencimento e dignidade. O trabalho analisa como a interação dialógica com grupos vulneráveis permite a abertura de novos horizontes de mundo, reafirmando que o direito à existência plena precede qualquer formalidade técnica. Assim, a extensão é apresentada não apenas como assistência, mas como um ato ontológico que possibilita o “habitar” autêntico em meio às crises da modernidade.

ENTRE TRANSPARÊNCIAS E OPACIDADES DA LINGUAGEM: JUVENTUDES, LEITURA CRÍTICA E OS DISCURSOS DA DESINFORMAÇÃO

Carla Maia dos Santos e Robson Figueiredo Brito

O grupo de estudos Mentis em Disputa: os impactos da desinformação nas juventudes têm desenvolvido reflexões acerca das relações entre transparência e opacidade da linguagem no contexto contemporâneo - cenário marcado pela circulação acelerada de informações e expansão do ecossistema da desinformação - por isso torna-se necessário pensar criticamente os processos de leitura. Nesse contexto, a leitura é compreendida como dimensão fundamental da formação das juventudes, sobretudo no que se refere à constituição de sujeitos capazes de realizar uma análise crítica dos discursos que circulam socialmente. A pesquisa fundamenta-se nas discussões de Indursky (2010), especialmente quando a autora propõe a passagem do leitor reprodutor para o sujeito-leitor, capaz de produzir interpretações para além da literalidade textual e das aparências de sentido. Defende-se a necessidade urgente de promover práticas de leitura que favoreçam a formação de leitores reflexivos, aptos a compreender os mecanismos discursivos que sustentam as *fakes news*. Assim, o foco da análise não recai sobre a lógica formal da informação, mas sobre os processos semânticos e discursivos envolvidos na produção de sentidos. Como objeto de análise, examina-se o caso de um ex-deputado que, em abril de 2026, protagonizou um conflito com estudantes da Universidade Federal de Minas Gerais, episódio posteriormente difundido nas redes sociais por meio de imagens e narrativas controversas demonstrando como tais imagens são mobilizadas discursivamente para produzir efeitos de verossimilhança, instaurando uma dupla linguagem e promovendo deslocamentos de sentido que sustentam a desinformação.

UMA ANÁLISE DO SENTIDO DA VIDA EM UM MUNDO DE TRANSCENDÊNCIA EM CRISE A PARTIR DA PERSPECTIVA DE LUC FERRY

Carlos Eduardo dos Santos Silva

O filósofo contemporâneo Luc Ferry propõe um questionamento acerca do que é uma vida bem-sucedida e também nesta análise a especificidade da filosofia em nos salvar do medo da finitude. Para responder a essa pergunta ele traça um caminho histórico da filosofia destacando o momento cosmológico e o teológico (período da filosofia grega e cristã medieval) – em que a transcendência está em alta – e o período humanista e materialista – em que a transcendência entra em crise. Nesta análise, Ferry aponta três dimensões a respeito da exclusividade da filosofia: o eixo teórico, ético e soteriológico (doutrina de salvação sem Deus). Nesse sentido, esta comunicação centra-se no momento humanista, em que, para se obter a “vida boa”, é necessário focar na razão do homem, no sujeito que produz o conhecimento. Como nesse eixo a transcendência começou a ser questionada, o que conferia sentido à vida eram as utopias laicas, sobretudo a ciência e as ideologias políticas que ocuparam o lugar da religião. Assim, esta comunicação visa analisar como as utopias laicas foram modelos de reposta para a questão da “vida boa”.

O *THAUMAZEIN* QUE PERMANECE: A DIMENSÃO ONTOLÓGICA DO ESPANTO

Clécio Luiz Silva Júnior

Pretende-se investigar três conceitos fundamentais que brotam da obra de Heidegger: I) tonalidade afetiva fundamental [*Grundstimmung*]; II) espanto/*thaumazein* [*Erstaunen/Erschrecken*] e, III) outro início do pensamento [*Der andere Anfang des Denkens*]; Heidegger identifica uma limitação da atividade filosófica que vai para além do problema do esquecimento do ser; não apenas o mundo, mas, a filosofia mesma já se encontra em crise; Heidegger insiste em uma filosofia que assuma a tarefa de buscar um novo início do pensar para o séc. XX; pretende-se elaborar a questão de um novo início considerando a *Grundstimmung* do espanto como a tonalidade afetiva que afinará o *Dasein* na possibilidade de recuperar a dimensão do legítimo pensar a partir daquilo que os gregos denominavam *thaumazein*; *thaumazein* é o espanto que permanece, não apenas como o brotar da filosofia, mas, como uma dimensão ontológica fundamental constitutiva do *Dasein*; tentaremos, assim, explicar acerca do fato de que a perda da capacidade do *Dasein* de espantar-se com o ordinário mesmo lança-o num mundo doente e o custo da impossibilidade da afinação nesta tonalidade afetiva específica é cada vez mais acusada no *Dasein* que adoece, que patologiza a própria vida e, em decorrência disso, engaja-se numa fuga de si mesmo.

A BUSCA PELO SENTIDO DA VIDA NO CONTEXTO DA APAC: UM RELATO DE EXTENSÃO

Cristhian Augusto Almeida Dias

A experiência no projeto de extensão "Em busca do humano e da humanidade" na Associação de Proteção e Assistência ao Condenado – APAC Feminina de BH permitiu-me observar as realidades externas e internas de algumas recuperandas. Amparado por estudos pessoais e acadêmicos, faço memória do neuropsiquiatra austríaco, Viktor Frankl, (1946) que se fundamenta no seguinte pensamento: a principal força motriz do homem é a busca por um propósito, mesmo sob condições de restrição de liberdade. No trabalho filosófico e teológico com as recuperandas, realizado pelos alunos do Instituto de Filosofia e Teologia Dom João Resende Costa (IFTDJ), ficou evidente que a possibilidade de reconstrução da identidade passa pela descoberta do sentido da vida. Ao dialogar com as mulheres, percebe-se que o método da instituição acolhe a noção de autotranscendência: o ser humano supera a si mesmo ao se voltar para algo ou alguém além de si. Deve-se salientar a importância do diálogo aberto como nos legaram os grandes nomes da Filosofia, permitindo a todos, sem exceção, a possibilidade de pensar sobre si, o ambiente em que se insere, sobre o divino, bem como gerir suas ações com liberdade. Assim, ao efetuar esse projeto, o pensamento teológico e filosófico deixa de ser uma abstração teórica para entranhar-se nas diversas conjunturas.

ANÁLISE DAS PROPOSTAS DE NORMATIZAÇÃO DO COMBATE À APOROFOBIA SOB A ÓTICA DA ONTOLOGIA HEIDEGGERIANA

Daniel Augusto Arouca Bizzotto

Este estudo analisa as propostas de normatização jurídica do combate à aporofobia — conceito de Adela Cortina que designa a aversão e exclusão aos pobres — sob a ótica da ontologia de Martin Heidegger. O cenário brasileiro apresenta projetos de lei focados na criminalização do fenômeno (PL 1636/2022 e PL 543/2024) e na criação de campanhas educacionais escolares (PL 355/2024). Fundamentado nos conceitos de impessoal (das Man), diferença ontológica (ser/ente) e crítica ao humanismo metafísico, o pensamento heideggeriano se posicionaria de forma contrária a tais medidas regulatórias por dois motivos principais. Primeiro, por erro: normas e campanhas atuam estritamente no plano ôntico, disciplinando condutas externas, enquanto a aporofobia é uma questão de ordem ontológica. Segundo, por inocuidade: a normatização falha em atingir o núcleo impessoal do preconceito, já que a pobreza expõe a finitude reprimida pelo impessoal. Leis não promovem a abertura autêntica do Dasein ao outro, exigindo-se uma transformação existencial intrínseca. Apesar da coerência filosófica, a postura heideggeriana sofre a crítica de carecer de sustentação ética, silenciando diante das vítimas reais ao rejeitar respostas institucionais do Estado. Contudo, a relevância dessa perspectiva reside em desvelar o fetichismo das leis e a ingenuidade jurídica, evidenciando a separação entre a conformidade externa e a real superação do preconceito. Diante disso, legisladores e juristas são impulsionados a formular soluções complementares, a exemplo de políticas públicas voltadas para a redução de desigualdades sociais. Por fim, Heidegger deixa um questionamento central ignorado pelo debate jurídico nacional: o que a norma jurídica não compreende?

O PROBLEMA DO MAL EM SANTO AGOSTINHO A PARTIR DA OBRA *O LIVRE-ARBÍTRIO*

Daniel Linhares

Na obra *O Livre-Arbítrio*, Santo Agostinho busca explicar a origem do mal e defender a bondade de Deus. O filósofo afirma que Deus criou todas as coisas boas e, por isso, não pode ser o autor do mal. Segundo Agostinho, o mal não possui existência própria, mas é entendido como ausência ou privação do bem. Para o autor, o mal moral surge quando o ser humano utiliza de maneira errada o livre-arbítrio recebido de Deus. A liberdade foi dada ao homem para que ele pudesse escolher o bem e viver de forma justa. Contudo, ao afastar-se de Deus e escolher os bens inferiores e passageiros, o homem pratica o pecado. Dessa forma, a origem do mal está nas escolhas humanas e não em Deus. Agostinho também afirma que o livre-arbítrio é necessário para a existência da justiça e da responsabilidade moral. Sem liberdade, não haveria mérito nas boas ações nem culpa pelas más ações. Assim, mesmo que o homem possa errar, a liberdade continua sendo um bem concedido por Deus. O pensamento apresentado em *O Livre-Arbítrio* tornou-se fundamental para a filosofia cristã medieval, influenciando reflexões sobre liberdade, pecado e responsabilidade humana. A obra procura conciliar a existência do mal com a bondade e a justiça Divina, mostrando que o mal nasce do mau uso da liberdade humana.

COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA DA CONDIÇÃO EXISTENCIAL DO HOMEM EM SARTRE

Daniela Câmara de Jesus

Ao longo da tradição filosófica, o questionamento acerca da condição existencial do homem é frequentemente fundamentado na ideia de uma essência anterior à própria existência, essência essa que antecede a própria história do homem. Em sua obra *O ser e o Nada*: ensaio de ontologia fenomenológica, Sartre deixa explícito que a existência não é condicionada previamente, nesse sentido, o existir do ser-para-si não depende de uma substância a priori da realidade. “Porque o ser de um existente é exatamente o que o existente aparenta” (Sartre, 2015, p. 14). Com sua declaração de que a “existência precede a essência”, o filósofo distancia-se de qualquer tradição cristã, dessa ruptura decorre um desamparo existencial, ao afirmar o abandono do homem no mundo, sozinho com suas responsabilidades e suprimindo a noção de uma natureza humana universal. O homem está “condenado a ser livre”, passa a ter total responsabilidade por tudo que vier a ser. E caso negue essa responsabilidade, pode ser compreendida como manifestação da má-fé perante a liberdade que dispõe.

O PARADOXO ABSOLUTO EM KIERKEGAARD

David Rodrigues

Esta comunicação insere-se nos campos da Filosofia existencial e da Religião, dedicando-se à análise de *Migalhas filosóficas*: ou um bocadinho de filosofia de Johannes Climacus (1844). Obra que é o pilar central na filosofia de Soren Kierkegaard (1813-1855), pensador dinamarquês que escreveu sob o pseudônimo de Johannes Climacus, lançando as bases do pensamento existencialista e opõe-se tanto ao paradigma socrático-platônico da reminiscência quanto ao racionalismo sistemático. O tema central é o paradoxo absoluto, surgido da impossibilidade de a razão humana apreender o eterno. A pesquisa delimita seu objeto na figura do Mestre divino que se rebaixa à condição de servo por amor. Tal figura demonstra que a condição humana é a “não verdade” (o pecado) e que o acesso à verdade não pode ser mediado pelo conhecimento ou pela história. O objetivo é analisar como essa humilhação do Mestre anula mediações humanas na fé, exigindo uma apropriação singular e incomunicável da verdade. O trabalho visa reforçar a distinção entre a fé como paixão e a especulação racional, demonstrando que o mestre-servo exige do discípulo um salto para além do compreensível.

DO MODO PELA QUAL A VONTADE É MOVIDA EM SANTO TOMÁS DE AQUINO

Delmir de Souza Lima

Esta comunicação se trata do modo pela qual a vontade é movida. Aqui, iremos discorrer um pouco sobre o problema: ela é movida naturalmente? é movida pelo seu objeto? é movida pela paixão do apetite inferior? e, por último, ela é movida por Deus? Para isso, utilizaremos o método hermenêutico fazendo uma análise da obra de Santo Tomás de Aquino, questão 10 da *Summa Teológica II* primeira parte. Em sua obra, ele aponta diversas formas de se tratar a vontade e, para isso, podemos entender melhor como ele trata esse problema em sua visão, ele cita alguns filósofos dentre eles Aristóteles que vai dizer, “agente natural é uma divisão que se opõe a agente voluntário”. Em sua obra, temos também algumas citações bíblicas, que nos ajudam a entender um pouco mais de sua problematização. Em conclusão, ele diz que a vontade é o apetite racional, ou seja, a capacidade humana de desejar aquilo que a inteligência define com o bom. Por fim, Santo Tomas define que a vontade não age de maneira cega, ela depende do intelecto, por isso, razão e vontade trabalham juntas, o objetivo último da vontade humana é o bem supremo, que para ele é Deus.

A SERVIDÃO ALGORÍTMICA: UMA RELEITURA DE LA BOÉTIE NO SÉCULO XXI

Diogo Mendonça Pinheiro

O texto apresentado do filósofo renascentista Étienne de La Boétie (século XVI) visa apresentar a servidão voluntária como um aspecto de consentimento dos próprios oprimidos para com aqueles que estão no poder. Seu questionamento é: se o tirano não tem mais do que dois olhos, mais do que duas mãos, mais do que um corpo, como tem ele tantas mãos para vos bater, se não as tomares de vós? A partir dessas premissas, propõe-se apresentar uma releitura da obra que apresenta uma nova forma de servidão voluntária que surge no século XXI, pautado nos algoritmos das redes sociais, pelo uso dos aparelhos celulares, o novo questionamento impõe-se: se o tirano atual não tem olhos, mãos ou corpo, sendo apenas uma tela conectada a milhares de informações, como podemos nos tornar escravos desse pequeno aparelho? Para compreendermos as características dessa servidão digital, usaremos de três aspectos: O Costume (Hábito); O Pão e Circo; A Pirâmide de Favores. Tais representações tem por objetivo demonstrar o que nos torna servo dos tiranos do século XXI.

O ÁLCOOL E A AUTONOMIA DA VONTADE UMA REFLEXÃO FILOSÓFICA E CLÍNICA À LUZ DE KANT

Douglas Jorge Arão e Betina Loesch Nascimento

O presente trabalho investiga a convergência entre o tratamento médico do alcoolismo e a filosofia moral de Immanuel Kant. A partir da compreensão do alcoolismo como Síndrome de Dependência do Álcool, transtorno neurobiológico que configura uma forma de heteronomia biológica ao submeter progressivamente a vontade à compulsão, analisa-se como as classificações diagnósticas da CID-11 e do DSM-5 delimitam, na linguagem clínica, estágios de erosão da autonomia moral. Examina-se, em seguida, de que modo a farmacoterapia, a abordagem multidisciplinar e a Rede de Atenção Psicossocial operam como condições de possibilidade para a restauração da capacidade racional de autodeterminação: a estabilização biológica não produz autonomia, mas remove o obstáculo neurológico que a impede de se exercer. Na segunda parte, por meio de análise comparativa, demonstra-se que os Doze Passos e as Doze Tradições dos Alcoólicos Anônimos encarnam, na prática, as três formulações do imperativo categórico kantiano, configurando um autêntico laboratório ético da modernidade em que a heteronomia da dependência é progressivamente superada pela autonomia da razão. Conclui-se que medicina e filosofia são saberes mutuamente necessários: a clínica liberta a vontade do jugo biológico; a ética kantiana aponta o caminho para que ela se exerça plenamente.

PARAGENS HEIDEGGERIANAS: ARTE, VERDADE E FINITUDE

Edmar Avelar Sena e Alexandre Tayer

A proposta desta comunicação é dialogar sobre as relações entre arte (*Kunst*), verdade (*Wahrheit*) e finitude (*Endlichkeit*) em Martin Heidegger, demonstrando a importância destes conceitos. A análise concentrar-se-á especialmente na compreensão heideggeriana do ser-para-a-morte (*Sein-zum-Tode*), entendido como dimensão constitutiva da existência humana enquanto ser-para-o-fim (*Sein-zum-Ende*). Nesse horizonte, arte, verdade e finitude assumem uma dimensão eminentemente ontológica, revelando-se fundamentais para a compreensão do *Dasein* e de sua abertura ao Ser. Partindo do reconhecimento de que a existência humana não se reduz nem à racionalidade instrumental nem ao absurdo absoluto, a investigação acerca do Ser emerge de uma experiência originária marcada pela abertura e pela indeterminação. Tal experiência encontra na linguagem poética um espaço privilegiado de manifestação, no qual o Ser pode advir ao desvelamento. Essa compreensão da obra de arte como evento de verdade — e não como objeto passível de redução a conteúdos conceituais ou intenções autorais — ressoa, de modo singular, com a provocação de Susan Sontag ao recusar que a crítica esgote a arte na busca por um "conteúdo oculto" e reivindica uma experiência sensível e imediata da obra, que, guardadas as diferenças de horizonte teórico, converge com a recusa heideggeriana de reduzir o poético à representação ou à utilidade. Assim, o poético aparece como possibilidade originária de habitação do mundo, instaurando uma relação mais autêntica entre o humano, o tempo e a verdade.

DE *SAECULUM* AO DESENCANTAMENTO DO MUNDO - LEITURAS SOBRE O CONCEITO DE SECULARIZAÇÃO

Fabiano Veliz

O presente trabalho tem como objetivo central analisar o conceito de secularização a partir de um recorte histórico-filosófico, evidenciando as raízes do conceito, bem como a sua apropriação no debate contemporâneo sobre a religião. Para isso, traçamos um percurso que se inicia no século primeiro com a noção *de saeculum* até a noção de desencantamento do mundo proposto por Weber no século XX. Tal percurso evidencia que a leitura weberiana do conceito de desencantamento do mundo (*Entzauberung der Welt*) é devedora do conceito de secularização, embora não seja idêntico. Desde o conhecido diagnóstico weberiano, a ideia de que o mundo contemporâneo é marcado por uma espécie de banimento da religião da esfera pública se tornou quase que hegemônico. A ideia central dessa proposta afirma que a religião foi retirada do espaço público e desde então o mundo teria uma proposta mais laica. Em seguida, nosso texto aponta para a apropriação da leitura weberiana feita pelo debate contemporâneo sobre a religião no âmbito da sociologia e da teologia e conclui que tal leitura de Weber é problemática para lidar com o avanço da religião no século XXI.

NIETZSCHE COMO CONSUMADOR DA METAFÍSICA: A VONTADE DE VERDADE COMO PLATONISMO INVERTIDO

Felipe Cordeiro Alves

Este trabalho intenta clarificar como a interpretação de Heidegger da vontade de verdade é influente para a construção da compreensão de Nietzsche como metafísico no sentido pretendido pelo autor. Para exposição dessa explanação serão primeiramente retomadas as posições gerais de Heidegger, sumarizadas na proposta da história da filosofia ocidental como história do esquecimento do ser, onde Nietzsche é situado como ponto de consumação ao explicitar, por meio da ideia de niilismo, a histórica tentativa de pensar o ser como fundamento. Em seu segundo momento, a comunicação se dedicará a expor como Nietzsche apresenta continuidade com Platão ao tomar a vontade de verdade como tentativa de fixação do devir, o que envolve, para Heidegger, uma tentativa de fixação de do fluxo do mundo sensível e de tornar o ente calculável e estável. Por fim, será debatido como o procedimento interpretativo heideggeriano, sobretudo em sua preferência pelos fragmentos do espólio de Nietzsche, foram decisivos para viabilizar seu entendimento da vontade de verdade e o posicionamento do autor do Zarathustra como ponto de culminância da história da filosofia ocidental.

O POLÍTICO ENTRE *GE-STELL* E *STÄTTE*: VIVÊNCIA E TÉCNICA

Flávio Augusto França e Silva

Esta comunicação propõe refletir sobre o caráter técnico-administrativo que o político assume na modernidade à luz do *Denkweg* de Heidegger. Sob a regência da *Machenschaft*, o político se desvela como um ente administrativo que – envolto em uma racionalidade técnica – se estrutura de maneira a operar uma clivagem das tensões essenciais, visando garantir o controle e a segurança. Na metafísica da subjetividade, o homem moderno se ergue como *Subjectum*, e a vivência subjetiva (*Erlebnis*) se instaura como a medida de toda realidade possível, delimitando o ente na totalidade como uma representação vivenciada. Tudo o que resiste a essa objetivação é marginalizado como irracional ou perigoso. Nesse cenário, o espaço de jogo do político atua como âmbito de gerenciamento que busca neutralizar o combate originário (*Streit*), substituindo-o por uma rixa de mundividências (*Weltanschauung*) previamente delimitadas. Pensar o desvelamento técnico (*Ge-stell*) do político à luz de Heidegger nos permite reconduzi-lo a uma reflexão ontológica como o lugar (*Stätte*) do habitar histórico do homem em meio ao ente na totalidade – o lugar onde o ente se manifesta e onde se decide o destino de um povo.

CULTURA DO ENCONTRO NO ATELIÊ POESIA E VIDA: A PALAVRA POÉTICA PARA O JOVEM E PARA O IDOSO

Gabriel Barbosa Bueno

“À atitude egoísta que leva ao descarte e à solidão, contraponhamos o coração aberto e o rosto radioso de quem tem a coragem de dizer: não te abandonarei! (Franscico,2024).” É assim que o Papa Francisco encerra a sua mensagem no IV Dia Mundial dos avós e dos idosos. Infelizmente nossos idosos brasileiros estão sendo considerados como inválidos ou como peso para a vida dos mais jovens. Esse enunciado vem nos lembrar do valor inesgotável da pessoa idosa. Aí é que entra o trabalho extensionista do *Poesia e Vida* para proporcionar o devido valor as pessoas idosas. Esse trabalho está ancorado nos pressupostos de uma Cultura que tem a coragem de ir ao encontro das pessoas idosas para dar ouvidos àquelas que tem algo para dizer e sentimentos para expressar, é integrado ao projeto de extensão: *Ateliês da Esperança*. A metodologia do *Ateliê Poesia e Vida* é bem simples: há uma acolhida - os integrantes do grupo se apresentam e igualmente os idosos se apresentam. Lê-se uma poesia, que foi devidamente preparada antes do encontro - a palavra é aberta a todos, sem nenhuma imposição. Aos poucos sentimentos e memórias vão se manifestando, um sorriso aparece, sinal daquilo que a poesia pode despertar em uma pessoa. A poesia faz com que a vida se manifeste naquele ambiente e que haja uma boa partilha entre as gerações. Os mais novos ali aprendem a ouvir as vozes de quem viveu bastante e que ainda são capazes de compartilhar algo novo para a juventude. Não acaba por aí. A poesia traz algo surpreendente: faz com que surja uma aproximação onde não há espaço para a exclusão e um carinho sincero entre estas gerações que se encontram.

SOBRE A HISTÓRIA E O SER: A TESE I DE WALTER BENJAMIN EM DIÁLOGO COM HEIDEGGER

Gabriela Mendonça Gamiero

Propõe-se analisar a Tese I das Teses sobre o conceito de história de Benjamin em diálogo crítico com a ontologia do tempo de Heidegger, privilegiando a centralidade da temporalidade em *Ser e Tempo*. Heidegger rompe com a concepção cronológica da história ao definir o tempo como estrutura constitutiva do *Dasein*, articulada na unidade entre passado, presente e projeção futura. O conceito de ser-para-a-morte revela a finitude como condição de possibilidade da autenticidade, permitindo ao *Dasein* apropriar-se de sua historicidade de modo não objetificante. A partir disso, a história deixa de ser entendida como sucessão de fatos e passa a ser compreendida como *Geschichtlichkeit*, isto é, uma reinterpretação existencial do passado a partir da situação presente. Essa crítica ao historicismo aproxima Heidegger de Benjamin, sobretudo na recusa do progresso linear e na valorização de uma relação ativa com o passado. Entretanto, a comparação evidencia divergências estruturais. Enquanto Benjamin introduz uma dimensão teológico-messiânica que orienta a história para a redenção dos vencidos, Heidegger mantém sua análise no plano ontológico, afastando-se de qualquer fundamentação teológica ou engajamento político direto. Conclui-se que, embora ambos critiquem a temporalidade homogênea, Heidegger oferece uma analítica existencial da historicidade, ao passo que Benjamin propõe uma filosofia da história orientada pela interrupção e pela justiça.

EXISTÊNCIA E CUIDADO

Gisleule Maria Menezes Souto

O homem, enquanto sujeito de existência, deve ser visto como ser-no-mundo. Ser-no-mundo, entretanto, é cuidar. Pelo cuidado, o homem estabelece uma comunicação com o outro, o homem se abre ao mundo e, portanto, é através do cuidado que as relações entre sujeitos são tecidas. Estando no mundo, o sujeito encontra-se num estado de solitudine, que inclui o cuidado com o outro, de maneira que ele possa assumir os seus próprios caminhos.

ANTROPOLOGIA EM SANTA TERESA DE JESUS: UMA LEITURA FILOSÓFICA DO CASTELO INTERIOR À LUZ DE EDITH STEIN

Gustavo Felipe da Cunha Sousa

Edith Stein (2007) utiliza o método fenomenológico para analisar a obra *Castelo Interior de Santa Teresa de Jesus* (2008). Com efeito, a partir da leitura da obra teresiana, Stein se abre à dimensão espiritual no encontro, ou confronto, entre o íntimo da alma e o que exteriormente se lhe apresenta para acolher, filosoficamente, a unidade do ser a partir da reflexão acerca do mistério que nós somos. Além disso, demonstra alguns elementos teóricos que auxiliam na compreensão do núcleo da alma e de sua tendência a se desenvolver de forma livre e individual. Stein define o "eu" consciente como um ponto que se move dentro do espaço da alma. Na modernidade, isso significa que a consciência pode estar fora de si (perdida no mundo) ou dentro de si (no centro do castelo), encontra-se, assim, a alma como um "vastíssimo reino" que o ser humano deve reconquistar. Desta forma, a pesquisa se orienta pela pergunta sobre como a mística teresiana contribui para uma antropologia do ser humano.

O HORIZONTE DA ANGÚSTIA E A TEORIA DOS TRÊS ESTÁGIOS EXISTENCIAIS EM KIERKEGAARD

Harlley Venâncio Martins

O objetivo da comunicação será a busca por uma leitura crítica e interpretativa do existencialismo cristão de Soren Aabye Kierkegaard, com referência ao conceito de angústia, ressaltando a sua relação com a liberdade e a possibilidade, bem como a sua conformidade com os diferentes estágios da vida humana, a saber: estágio ético, estágio estético e o estágio religioso. Esses três estágios expressam diferentes formas de existência e revelam o caminho pelo qual o ser humano pode amadurecer existencial e espiritualmente. Portanto, a comunicação se descortinará em um caminho de diálogo com as principais obras do autor: *O Conceito de Angústia* (2011) e *Diário de um Sedutor* (1979), que alargam o horizonte de nossa compreensão sobre essa temática e nos coloca em um outro horizonte de compreensão da perspectiva supracitada. O fenômeno da angústia não é meramente pejorativo ou, até mesmo, um simples sentimento na ótica kierkegaardiana, como o senso comum a concebe, mas uma forma de amadurecimento e de pleno conhecimento daquilo que é o sentido da existência. Desse modo, a angústia se apresenta como elemento constitutivo da condição humana, abrindo o indivíduo à responsabilidade diante de suas escolhas e ao autêntico encontro com a própria existência.

EFEITOS DA LEI EM SANTO TOMÁS DE AQUINO

Higor Vinicius da Silva Damas

Esta comunicação propõe uma leitura da afirmação de Santo Tomás de Aquino na *Suma Teológica* (parte II Questão 92 artigo 1), que faz a seguinte proposição: “Se o efeito da lei é tornar os homens bons”. Esta pergunta nos convida a repensar o papel das leis em nossa vida e temos como resposta que elas podem interferir e mudar o pensamento humano, agregando valores e deveres para o ser humano e para a sociedade no todo. Elas podem influenciar no modo como vivemos e até moldar valores que sustentam a convivência na sociedade. Tem um certo rigor sobre os que dela se extraviam, pois a veem como peso, e para os outros ela é proteção, quando nos garante ordem e traz segurança para o meio em que vivemos. No outro lado, temos a regressão que a lei pode causar em quem a descumpre, que se torna um fardo ou mesmo uma imposição que limita, levando a sérias consequências.

NIETZSCHE E SUA INDELÉVEL FORMA DE ENTENDER E JULGAR O CRISTIANISMO

Hugo França de Souza

Nietzsche apresenta o Cristianismo como a religião do ressentimento, da fragilidade, da negação de força, da crueldade e da falta de desejo de crescimento. A partir disso, nasce o objeto do presente trabalho: analisar o modo como o filósofo entende e sentencia o Cristianismo e, se justa sua radicalidade. A metodologia é de cunho bibliográfico, utilizando-se de obras do autor como: *Genealogia da moral* e *O Anticristo*, além de contribuições de outros pensadores que venham robustecer a pesquisa. Assim, observa-se que o filósofo não leva em consideração a origem do Cristianismo e suas fortes batalhas, exigindo por parte da religião um processo de renovação de força, vitalidade, busca constante de superação e ânsia de crescimento para vencer as normas

impostas pelo judaísmo. O Cristianismo luta para não continuar fazendo parte do rebanho dominado pelas lideranças judaicas. Para isso, a religião cristã nascente usa de elementos que fundamentam a própria filosofia de Nietzsche, porém, não se nota em seus escritos viés de reconhecimento desses elementos por parte do filósofo referindo-se ao Cristianismo. Torna-se então evidente a não valorização da vitalidade presente nas gênesis do Cristianismo, razão pela qual a sentença injustamente.

O BELO E A ASCENSÃO DA ALMA NO *BANQUETE* DE PLATÃO

Hygor Gabriel Alves de Souza Silva

A presente comunicação pretende analisar como Platão reflete sobre a compreensão da beleza como realidade que não se resume ao campo da estética, assumindo um papel fundamental na formação humana, sobretudo nas dimensões espiritual e intelectual. Investigaremos a maneira como a experiência do belo transforma a alma, tendo como base o diálogo *O Banquete*. Nesta perspectiva, busca-se compreender como o ser humano é conduzido através do amor ao belo, à contemplação de uma realidade superior, e não somente permanecendo nos limites do mundo sensível, despertando o desejo pelo bem, pela verdade e sabedoria. Concluiremos que, em Platão, a beleza possui função ética e pedagógica, pois eleva a alma para além das aparências primeiras, favorecendo assim a recordação das realidades eternas. Assim, o belo se apresenta como caminho de transformação interior e como mediação entre a experiência humana e a contemplação da beleza em si.

METAPESQUISA SOBRE DESINFORMAÇÃO, NEGACIONISMO CIENTÍFICO E DESINFODEMIA À LUZ DA FILOSOFIA DE FOUCAULT

Iago Alves de Almeida Moraes, Bolsista FAPEMIG

Nos últimos anos, verificou-se a intensificação de práticas de difusão de desinformação, um movimento contínuo de negacionismo da ciência, que vem se proliferando e produzindo efeitos de descredibilização em relação ao campo do conhecimento. Esta comunicação apresenta uma leitura inicial do processo de metapesquisa, cujo objetivo é levantar referências para a construção de uma base científica sobre a temática da desinformação, compreendida como fenômeno discursivo de forte impacto social no Brasil. O estudo integra uma iniciação científica dedicada à análise do fenômeno da pós-verdade e da desinfodemia, interpretados à luz da filosofia de Michel Foucault. Nesse percurso investigativo, adotamos a metapesquisa, entendida como procedimento que revisita, analisa e sistematiza estudos já existentes, permitindo identificar tendências, lacunas e padrões na produção do conhecimento, conforme Mendes e Mattos (2022). Para desenvolver a investigação, são consultadas as seguintes bases de dados: Google Acadêmico, SciELO, Capes. Essa etapa permitirá identificar perspectivas teóricas consolidadas, destacando produções que investigam as dinâmicas da desinformação, sobretudo no contexto do negacionismo científico intensificado durante a pandemia de Covid-19. Busca-se ainda mapear possíveis aproximações entre tais análises e abordagens filosóficas inspiradas na teoria foucaultiana, especialmente nas áreas de ciências humanas, com ênfase filosófica, buscando compreender modos de formulação deste problema.

O QUE É ISTO, A PINTURA? CONSIDERAÇÕES ACERCA DA COR EM VAN GOGH E MARK ROTKO EM DIÁ-LOGO COM O PENSAMENTO DE MARTIN HEIDEGGER

Janaína Laport Bêta

Cor e Pintura. Questões que se apresentam no horizonte filosófico desde Platão, para quem a arte não deveria habitar a Polis. Aristóteles e as investigações acerca desta, em sua Poética. A sensorialidade da cor na pintura (corpo?), em detrimento a racionalidade da linha no desenho (espírito?), questões metafísicas no duelo entre linear e pictórico. Enlaçados pelo pensamento de Martin Heidegger, não adentraremos tais questões. O olhar se dirigirá ao diálogo do pintor com a cor, e a questão do sagrado, no desvelar da pintura como renúncia, em obras de Van Gogh e Mark Rothko. Heidegger aponta para o cuidar do falar, do dizer, acerca do sendo (ente), para que possamos vê-lo como ele é, sem nos deixar conduzir pelas proposições dos enunciados, perdendo-nos em uma interpretação gramatical e retórica. Tendo este desejo a habitar o pensamento, seguindo o que fez o próprio Heidegger acerca da filosofia, reformularemos a pergunta “o que é a pintura?”, de modo a nortear nosso percurso no pensar originário. Se a origem do Ocidente remonta à Grécia, devemos buscar então, como nos mostrou o pensador, um modo grego de perguntar: “Que é isto, a Pintura?” Buscar a quiddidade; essência originária - arte e liberdade.

DAS PAIXÕES À AUTONOMIA: UMA LEITURA HISTÓRICO-FILOSÓFICA DA BUSCA DO SUJEITO PELA LIBERDADE DA ANTIGUIDADE À MODERNIDADE

João Gabriel Vieira Freitas

A presente pesquisa investigará a relação entre as paixões e a liberdade da vontade na tradição filosófica ocidental, analisando como diferentes filósofos ao longo da história pensaram uma constituição do sujeito livre diante da experiência afetiva. Partindo da Antiguidade até a Modernidade, buscar-se-á demonstrar que a liberdade não foi concebida como simples ausência das paixões, mas como seu ordenamento racional, moral ou espiritual. Em Aristóteles, as paixões devem ser educadas pela razão prática (hábito) em vista da virtude e da vida feliz. Em Santo Agostinho, a vontade humana encontra-se marcada pela desordem do pecado, sendo a verdadeira liberdade alcançada no ordenamento das paixões a Deus. São Tomás de Aquino uni desejo e racionalidade ao afirmar que as paixões podem cooperar com o bem moral quando submetidas à razão. Já na modernidade, René Descartes entende a liberdade como domínio racional das paixões, enquanto Immanuel Kant radicaliza a autonomia moral por meio da lei racional universal. Conclui-se que a experiência da liberdade não nega as paixões, mas são ordenadas pela razão, no qual o sujeito afirma sua autonomia no interior da própria experiência afetiva.

FILOSOFIA EM QUADRINHOS

João Vitor Gomes de Oliveira

A tarefa fundamental de toda a filosofia é dirigir uma interrogação ao mundo. Quando pensamos no mundo a ser interrogado, temos de estabelecer os seus contornos no âmbito da produção histórica do homem, da ciência, da técnica, da política, da economia, do trabalho, da linguagem, da educação e do cotidiano. Dessa forma, através das ações realizadas, colocamos em prática a nossa capacidade de interrogar e, a filosofia em quadrinhos possibilita ao homem refletir e interrogar sobre o mundo e as coisas que o cercam, pois em todas as áreas do conhecimento temos a possibilidade de construir relações com as histórias em quadrinhos, haja visto que podem ser compreendidas como um instrumento que auxilia na assimilação do conteúdo. As histórias em quadrinhos são formadas por dois códigos de signos gráficos: a imagem e a linguagem escrita. Entre os elementos que entram na composição dos quadrinhos o que mais caracteriza é o da dinamicidade e da leitura, são os balões. Da mesma forma que os balões, as onomatopeias completam as linguagens dos quadrinhos e lhes dão efeito sonoro. Em filosofia em quadrinhos busca discorrer sobre filósofos e temas pertinentes ao estar do homem no mundo.

A SERENIDADE (*GELASSENHEIT*) COMO ASPECTO POSITIVO DA CRÍTICA HEIDEGGERIANA À TÉCNICA

José Henrique Fonseca Franco

A crítica elaborada por Martin Heidegger à metafísica moderna atravessa o conjunto de seu itinerário filosófico e encontra, em seu pensamento tardio, uma resposta à consumação técnica do Ocidente. Esta comunicação pretende explicitar a noção de serenidade (*Gelassenheit*) como possibilidade de um pensamento não subordinado à lógica da vontade e do domínio técnico. O filósofo da Floresta Negra compreende a técnica moderna não apenas como instrumento, mas como *Ge-stell*, modo de desencobrimento que, ao mesmo tempo, opera também um ocultamento, no qual tudo se apresenta como reserva disponível. Nesse contexto, a serenidade surge como uma atitude capaz de conduzir a uma relação mais originária entre o ser humano e o ser, resguardando a abertura do existir diante da expansão planetária da técnica. Para isso, serão mobilizados principalmente os textos para discussão da serenidade (*Feldweg-Gespräche*, 1944/45) e Serenidade (*Gelassenheit*, 1955), evidenciando como o “sim” e o “não” simultâneos aos objetos técnicos expressam uma atitude de desprendimento que permite “deixar as coisas serem o que são”.

A LINGUA(GEM) COMO PRÁTICA SOCIAL SITUADA – FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS EM VOLÓCHINOV

Joelson Nascimento Cruz

Este trabalho tem como objetivo analisar os fundamentos filosófico-linguísticos em Volóchinov (2018), especialmente sua concepção de língua, linguagem, enunciação, diálogo e palavra como práticas sociais constituídas na interação discursiva. A pesquisa fundamenta-se na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem: os problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* destacando a crítica ao objetivismo abstrato e ao subjetivismo individualista para responder as questões: I) A língua como um sistema de formas normativas idênticas a si mesmas é objetiva? e II) Como ocorre a formação real da língua? A língua não pode ser compreendida como um sistema autônomo e fechado, mas como um processo social e histórico produzido nas relações entre os sujeitos. Nessa perspectiva, a linguagem se realiza concretamente na interação discursiva, sendo a enunciação constituída no diálogo entre interlocutores socialmente organizados. A palavra, por sua vez, é entendida como produto das relações sociais e orientada ao outro, assumindo caráter ideológico e responsivo. Metodologicamente, o estudo desenvolve-se por meio de revisão de literatura, tomando como referência central Volóchinov (2018), a fim de compreender a linguagem como prática social e dialógica porque o centro organizador de qualquer enunciado é o exterior, ou seja, o meio social que circunda o indivíduo.

O DECAIR DO SER DO *DASEIN* COMO IMPROPRIEDADE EXISTENCIAL

Jorge Eduardo Pineda Carrillo

O decair (*Verfallen*) do ser do *Dasein* como impropriedade (*Uneigentlichkeit*) constitui uma estrutura ontológica fundamental da existência (*Ex-sistere*) cotidiana em Ser e tempo. Heidegger não compreende a impropriedade como um “defeito moral” nem o decair como uma “corrupção da natureza humana”, mas como modos de ser no qual o *Dasein* se encontra absorvido pelo *Das Man*, deixando-se conduzir pelo alívio-de-ser (*Seinsentlastung*). Nessa condição, a existência afasta-se de seu caráter de *Ex-sistere*, enquanto abertura projetiva e poder-ser (*Seinkönnen*), em direção às suas próprias possibilidades (*Möglichkeiten*). Falatório (*Gerede*), curiosidade (*Neugier*) e ambiguidade (*Zweideutigkeit*) constituem estruturas do decair que mantêm o *Dasein* disperso na cotidianidade. Assim, é dentro do horizonte impessoal, voltado para a ocupação intramundana (*Besorgen*) e a preocupação com os outros (*Fürsorge*), que o *Dasein* se distancia da sua propriedade (*Eigentlichkeit*). A angústia (*Angst*) desvela a existência diante do nada e faz emergir a singularidade do próprio existir. Contudo, é a temporalidade (*Zeitlichkeit*) que possibilita compreender o *Dasein* como abertura temporal. Nesse horizonte, a liberdade ontológica não se reduz ao livre-arbítrio, mas constitui a possibilidade de apropriação das decisões existenciais.

O PLATÃO DE ERIC VOEGELIN

Juan Vitor Moreira Silva

Um dos eixos centrais da interpretação de Eric Voegelin consiste na compreensão de que a verdadeira política possui sua origem na alma humana. A desordem da *psyché* decorre, antes de tudo, de uma desordem interior do próprio homem. Nesse sentido, a *A República* não deve ser entendida como um projeto utópico de organização estatal, mas como uma investigação acerca da estrutura da *psyché* e de sua abertura ao Bem transcendente. Voegelin interpreta Platão como fundador de uma autêntica “ciência da ordem humana”, cuja fundamentação repousa na participação do homem em uma estrutura transcendente do Ser. Por essa razão, o filósofo critica as leituras que reduzem a obra platônica a um programa político literal. Para Voegelin, a preocupação fundamental de Platão reside, sobretudo, na conversão da alma em direção à verdade. Nesse horizonte, ganham destaque os pares conceituais *philosophos* e *philodoxos*, apresentados como expressões de duas atitudes espirituais antagônicas. A filosofia simboliza a abertura da consciência à transcendência do ser e à busca da verdade, enquanto a filodoxia manifesta o fechamento da alma ao plano das aparências e opiniões.

ENTRE OPINIÃO E DEMONSTRAÇÃO: AVERRÓIS E O EFEITO DUNNING-KRUGER

Kedson Luan de Souza Borges Barreto

A presente comunicação propõe uma aproximação entre a filosofia de Averróis e o chamado efeito Dunning-Kruger, buscando refletir sobre os limites da interpretação e da consciência que o ser humano possui de suas próprias capacidades cognitivas. Partindo do Discurso Decisivo, analisa-se a distinção averroísta entre os diferentes modos de assentimento — retórico, dialético e demonstrativo — e a ideia de que nem todos possuem igual aptidão para interpretar corretamente determinados conteúdos filosóficos e religiosos. Em seguida, apresenta-se a teoria desenvolvida por Dunning e Kruger, segundo a qual indivíduos menos competentes tendem a superestimar suas próprias capacidades justamente por não reconhecerem suas limitações. A partir dessa relação, busca-se demonstrar que o problema da ignorância não consiste apenas na ausência de conhecimento, mas também na incapacidade reflexiva de perceber a própria ignorância. Por fim, discute-se como esse fenômeno se manifesta no contexto contemporâneo, marcado pela ampliação dos espaços de opinião e circulação de discursos sem critérios sólidos de fundamentação.

A VONTADE METAFÍSICA EM SCHOPENHAUER: O SOFRIMENTO COMO RESULTADO DA QUERÊNCIA

Kêifany Evelin

A vontade é um termo muito recorrente na filosofia. Para Santo Agostinho, por exemplo, a vontade é uma faculdade da alma que a razão deve iluminar para que ela se oriente para o bem. Arthur Schopenhauer subverte essa hierarquia e coloca a vontade acima da razão e demonstra que ela é uma força motriz que é cega e irracional. Ela atinge todos os seres por meio do *principium individuationis* a partir da vontade metafísica, como coisa-em-si, que se expressa de forma objetivada nas coisas pela representação. Diferente de uma tradição clássica, a vontade não tem um fim (*τέλος*) e nem um objetivo moral, ela é apenas uma querência insaciável, por isso nunca se deleita naquilo alcançado. O homem, pela faculdade intelectual, diferente dos outros animais, é o mais afetado por esse ímpeto. Ele busca vias para tentar superá-la, mas essa busca interminável somente resultará num sofrimento, uma angústia causada pela tentativa constante de um contentamento dessa vontade. Já que ela é condição ontológica de todo ser, não há repouso definitivo. Viver é sofrer, pois não há como escapar dessa força volitiva, contudo, Schopenhauer aponta duas saídas como mitigação e negação da vontade: contemplação estética e ascese.

O PINTOR E A CELEBRAÇÃO DO ENIGMA DA VISIBILIDADE EM MERLEAU-PONTY

Leandro Gomes Lana de Medeiros Saliba

Partindo da ontologia sensível de Merleau-Ponty, na qual o Ser é indissociável da sua constituição encarnada no mundo, esta comunicação apresentará o tema do entrelaçamento entre visível e invisível, tomando por viés o acesso privilegiado do artista, e sobretudo do pintor, a essa estrutura do Ser. Em seu último trabalho, *O olho e o espírito*, Merleau-Ponty dialoga com a pintura de vanguarda do século XX – nomes como os de Paul Klee, Nicolas de Stäel, Matisse e Cézanne – para mostrar que a pintura moderna não rompe, propriamente, com a figuração clássica, mas multiplica os sistemas de equivalência em que o invisível se faz visível. É nesse sentido que olharemos para a aquarela do Mont Sainte-Victoire, realizada por Cézanne em 1900, a qual exemplifica aquilo que o filósofo francês chamará de “logos das linhas, das luzes, das cores, dos relevos, das massas”, a partir do qual o pintor pelo traço da mão restitui ao visível camadas e profundidades que permanecem presentes de modo latente na visibilidade, operação que, segundo Merleau-Ponty, permite o progresso e a inesgotabilidade da arte.

A FILOSOFIA DA MUSICA NA OBRA DE *INSTITUTIONE MUSICA* DE SEVERINO BOÉCIO

Leandro da Silva Hardaim

A obra *De Institutione Musica*, de Severino Boécio, possui uma riqueza matemática que serviu como o alicerce mais sólido para o desenvolvimento da teoria musical na Idade Média. Contudo, não se limitando a uma abordagem numérica, Boécio segue a tradição cosmológico-musical de Pitágoras e Platão ao explorar em sua obra os aspectos metafísicos da música. Ele a reconhece como uma ciência matemática e mediada pela física cuja proporção matemática possui

consequências ontológicas; aqui, a filosofia está revestida e velada por uma linguagem aritmética. Nesse contexto, filosoficamente, o autor discorre sobre um tripartido conceito de música e de músico, quebrando a rasa concepção comum da música como ciência puramente auditiva; Boécio prova que, na verdade, o sentido musical é a razão, sendo ela uma arte mais para se intelegir que para se ouvir. Por fim, o autor também destaca sobre os efeitos da música na alma e de como ela serve para educar ou corromper o caráter. Assim, a música também deve ser averiguada em seu viés ético, pois os seus aspectos ontológicos influenciam diretamente na conduta e existência humana.

A AMBIVALÊNCIA DO “NEGRO”: ENTRE PRODUÇÃO COLONIAL E REINSCRIÇÃO DO PODER NA ANÁLISE CRÍTICA DE ACHILLE MBEMBE

Leonardo de Oliveira Elias

O presente trabalho investiga a constituição da subjetividade “negra” através do pensamento de Achille Mbembe, enfatizando sua ambivalência enquanto problema filosófico vinculado à crítica da modernidade colonial. Partindo da compreensão da raça como dispositivo histórico de produção da diferença, busca-se analisar como a subjetividade negra é constituída no interior de uma racionalidade que articula exclusão, desumanização e controle. Em diálogo com Frantz Fanon, evidencia-se que o “negro” não designa uma identidade fixa ou essencial, mas um efeito de práticas coloniais que o posicionam como exterioridade da humanidade moderna. Entretanto, essa mesma condição revela uma dimensão ambivalente: ao mesmo tempo em que é produzido pela violência racial, o “negro” manifesta excedente e abertura, escapando parcialmente às determinações que o constituem. Tal ambivalência não deve ser compreendida como promessa redentora, mas como um campo instável de disputa, permanentemente suscetível à reinscrição pelos próprios dispositivos de poder. Assim, pretende-se refletir sobre os limites e tensões da crítica da raça no interior da experiência moderna.

O AMOR (CARITAS) COMO PRINCÍPIO ÉTICO ESTRUTURANTE EM AGOSTINHO

Lucas Abreu Lacerda

Analisa-se a ética de Agostinho a partir do conceito de amor (*caritas*), este entendido como fundamento da vida moral. Diferentemente das concepções éticas centradas exclusivamente em normas exteriores ou em ações objetivas, a ética agostiniana encontra seu núcleo na interioridade humana, especialmente na vontade orientada pelo amor. A pesquisa investiga como Agostinho compreende o ser humano como um ser que ama e cuja existência é constantemente movida pela busca daquilo que reconhece como bem. Nesse contexto, destaca-se a distinção entre fruição (frui) e uso (uti), desenvolvida na obra *A doutrina cristã*, como princípio fundamental para compreender a hierarquia dos bens e a correta ordenação dos afetos. O erro moral surge quando o amor se dirige desordenadamente aos bens inferiores, invertendo a ordem estabelecida entre meios e fins. Assim, a ética agostiniana apresenta-se como uma teoria da *ordo amoris*, na qual a virtude consiste em amar ordenadamente, orientando à vontade para Deus, entendido como bem supremo e finalidade última da existência humana.

A COSMOGONIA GREGA: DO CAOS À ORDEM DO UNIVERSO

Lucas Antônio da Silva Gomes

A origem do mundo, sob o olhar do poema Teogonia (de Hesíodo), narra o movimento de constituição da ordem do mundo a partir de forças primordiais, a criação do universo. Através da duplicação e da união amorosa entre os deuses surge a multiplicidade de seres, por isso, a Teogonia é uma cosmogonia, onde o autor enfatiza um olhar mitológico sobre a existência do mundo, vinculando os deuses, às ações da natureza e dos humanos. Apresentarei uma reflexão sobre a realidade em que vivemos através de como o mito interfere em nossas vidas desde a Grécia Antiga até os tempos atuais. A partir disso, discutirei como as crenças e a divindade não desapareceram com a passagem do mito para o logos, mas passaram por uma nova ressignificação, tornando-se instrumentos para ajudar a transmitir conhecimentos e ensinar as pessoas por meio de reflexões que estabelecem uma analogia entre mito e razão para explicar o mundo em que vivemos e sua origem.

O BELO LEVA AO TRANSCENDENTE: A VIA AGOSTINIANA E O PROBLEMA DA OBJETIFICAÇÃO NA MODERNIDADE

Lucas Henrique Guimarães dos Reis

O presente trabalho investiga a crise estética contemporânea, caracterizada pela ruptura com a concepção clássica do Belo. O objetivo é analisar a degradação da beleza, que deixou de ser uma via ontológica para o transcendente para se tornar um mero produto de consumo imanente. Metodologicamente, a pesquisa adota uma revisão teórica de cunho analítico-dedutivo, estruturada em três momentos lógicos. Primeiramente, resgata-se a ontologia do Belo fundamentada em Platão e na síntese de Santo Agostinho, evidenciando como a beleza terrena atua como degrau para a Beleza divina. Em seguida, examina-se o problema da "adjetivação", impulsionado pela guinada antropocêntrica moderna, que aprisionou o juízo estético no

relativismo da subjetividade. Por fim, aborda-se a "objetificação", demonstrando como o mercado se apropria dessa beleza relativizada, reduzindo-a a um objeto de utilidade e descarte imediato, em oposição à autêntica fruição. Conclui-se que o antídoto para esse esvaziamento ontológico exige o resgate da postura contemplativa clássica, compreendendo as realidades criadas e o Criador em sua correta hierarquia, sendo um dependente e outro independente, para assim devolver à experiência estética a sua vocação de ponte para o eterno.

O CONCEITO DE ONISUBJETIVIDADE EM LINDA ZAGZEBSKI

Lucas Lima da Silva

Tradicionalmente, Deus é entendido na Filosofia como dotado de certos atributos distintivos - por exemplo, a onisciência e a onipresença. A filósofa contemporânea Linda Zagzebski propõe, no âmbito da Filosofia da Religião, a existência de outro atributo divino: a onisubjetividade. Esse atributo consiste na capacidade de conhecer os estados conscientes que se passam na mente de cada pessoa. Assim, Deus pode assumir a perspectiva de primeira pessoa de cada indivíduo, tendo conhecimento de suas experiências subjetivas. Nesse sentido, a onisubjetividade é entendida como uma empatia total e perfeita. Embora a onisubjetividade possa ser entendida simplesmente como um corolário da onisciência e da onipresença divinas, a possibilidade de conhecer os estados conscientes de outra pessoa gera questões complexas, como: qual a diferença entre as perspectivas de primeira e de terceiras pessoas? É possível conhecer os qualia de outra pessoa sem violar sua subjetividade? O conhecimento de certos estados conscientes é imoral? Zagzebski aborda essas questões e defende que a onisubjetividade é um atributo importante para entendermos a forma como Deus se relaciona com suas criaturas e julga suas ações.

ONTOTEOLOGIA, ONTOLOGIA, EINAILOGIA E DIFERENÇA ONTOLÓGICA - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE MARTIN HEIDEGGER E LORENZ PUNTEL

Luiz Carlos Sureki

Este estudo examina a rearticulação da metafísica no século XX por referência a Martin Heidegger e Lorenz Puntel. O foco se encontra na questão do Ser como problema filosófico fundamental. A crítica heideggeriana à tradição metafísica ocidental, caracterizada como “esquecimento do Ser”, e sua formulação da diferença ontológica entre Ser e ente constituem um ponto de inflexão decisivo na filosofia contemporânea. Não obstante, apesar da profundidade de suas intuições, o projeto de Heidegger não chegou à uma articulação sistemática da questão do Ser. Essa articulação é justamente o que Puntel pretende oferecer: uma Einailogia. Ao distinguir claramente entre Ser (*είναι*), entes (on/ontos) e a dimensão da Entidade, Puntel desenvolve uma teoria abrangente do Ser. Interessa-nos mostrar que sua proposta preserva a intuição decisiva de Heidegger acerca da primazia da questão do Ser, ao mesmo tempo em que a desenvolve, redefinindo a tarefa da filosofia como a explicitação teórica do Ser como tal e como um todo e indicando, ademais, o lugar filosoficamente adequado para colocar e tematizar a questão de “Deus”.

LINGUAGEM E VIDA COMUM: A VIRADA ÉTICA EM WITTGENSTEIN

Luiz Paulo Souza de Paiva

Wittgenstein pensa a linguagem tanto em sua forma lógica quanto em sua dimensão humana integral. Esta proposta de reflexão busca destacar um elemento central em sua noção de “jogos de linguagem”: as expressões humanas comuns, como rir, chorar ou sentir dor, que se manifestam no campo social. Para Wittgenstein, a crítica à tradição cartesiana do “privado” mostra que o comportamento humano já está impregnado de significados partilhados, ao passo que o pensamento moderno, ao isolar o sujeito, tornou irreconhecíveis noções como “pessoa” e “ser humano”. Por isso, a filosofia deve ser “uma luta contra o enfeitiçamento de nosso entendimento por meio de nossa linguagem”, e não simplesmente oferecer uma teoria fechada, mas afirmar que o humano se revela nas práticas ordinárias e nas formas de vida (*Lebensform*). Longe do niilismo, sua crítica reposiciona o humanismo no retorno ao vivido, onde se questiona aqui, em que medida a ética se mostra na experiência concreta da linguagem.

O QUE É A ARTE? DIÁLOGOS ENTRE HEIDEGGER E NIETZSCHE

Marcos Jovanaci Siqueira

Este trabalho examina as concepções de arte em Friedrich Nietzsche e Martin Heidegger, contrastando suas abordagens filosóficas. Nietzsche compreende a arte como manifestação da "vontade de potência", essencial para a afirmação da vida e a superação do niilismo, operando como contramovimento à decadência. A arte nietzschiana transfigura a realidade, contrapondo-se à busca por verdades transcendentais e reafirmando a vida. Heidegger, por sua vez, aborda a arte ontologicamente, definindo-a como o "pôr-se-em-obra da verdade". Para ele, a obra de arte instaura um mundo e desvela a verdade de um ente, distanciando-se da estética tradicional. Heidegger critica Nietzsche por, mesmo invertendo o platonismo, permanecer dentro da metafísica com sua definição de vontade de potência. Apesar das divergências, ambos rejeitam a estética moderna centrada no sujeito-objeto. A principal distinção reside na relação arte-verdade: Nietzsche vê a arte como superior à verdade conceitual, enquanto Heidegger a considera o local privilegiado do desvelamento da verdade. Este estudo evidencia a complexidade do fenômeno artístico e sua relevância para o pensamento filosófico.

REVERBERANDO O CUIDADO: TROCAS MUSICAIS COMO ENCONTRO E AFINAMENTO DO *MITSEIN*

Marina de Oliveira Lúcio e João Víctor Pereira Costa

No cenário pós-pandêmico, observamos um quadro de isolamento social quase crônico e, mesmo que as medidas de distanciamento tenham sido abolidas após o período crítico, as disposições mantiveram-se individualistas. Seja por segurança, ou por comodidade promovida em nome da virtualidade das relações, este momento radicaliza a Era da Técnica, na qual os modos de ser do *Dasein* assumem uma qualidade consumista, um ciclo com fim em si mesmo que exclui da constituição existencial a consciência da alteridade. Hipotetiza-se que tal cenário fortaleça a virtualidade do mundo pelo avanço tecnológico dos algoritmos, ao criar mundos tão impropriamente próprios via redes sociais e plataformas de streaming. Ao analisarmos as relações estabelecidas nesse momento, a técnica impera e reduz, inclusive, a música a um mero som de fundo a ser consumido. Diante disto, o ato de dedicar músicas a outrem foge dessa lógica, manifestando-se como um apelo ontológico autêntico para que as pessoas compartilhem uma mesma tonalidade afetiva. Seja para sustentar o indizível ante a angústia, transbordar alegrias em uma amizade ou a atração amorosa, a música atua como uma *aletheia* poderosa, posto que ela abriga a pluralidade das disposições humanas, permitindo que a existência ressoe em conjunto, celebrando ou amparando o outro.

A HUMILDADE COMO CONDIÇÃO EPISTÊMICA: DA AMBIGUIDADE CLÁSSICA À SÍNTESE VITORINA

Mateus Adriano de Sousa Lopes

Esta comunicação investiga a humildade não apenas como virtude moral, mas como condição epistêmica fundamental ao aprendizado. Inicialmente, analisa-se a gênese etimológica de *humilitas*, demonstrando como sua raiz grega, *tapeinós*, carregava uma conotação pejorativa de submissão na Antiguidade. Contudo, observa-se que, embora o termo estivesse ausente do catálogo formal de virtudes de Platão e Aristóteles, a postura de reconhecimento da finitude já se manifestava no combate à *hybris* e na "douta ignorância" socrática. O estudo demonstra que a tradição cristã opera uma inversão axiológica, transformando o "ser terrestre" (*humus*) no pressuposto indispensável para a ascese intelectual. Através do paradoxo onde o "ser humilhado" — ou trazido à terra — permite o crescimento, estabelece-se o fundamento para a análise de Hugo de São Vitor. Para o mestre vitorino, a humildade deixa de ser passividade para tornar-se o realismo da inteligência: uma abertura irrestrita à realidade que exige que o estudante não despreze nenhum saber nem nenhum mestre. Conclui-se que, no *Didascalicon*, a humildade é o alicerce pedagógico que desobstrui o caminho para a recepção da verdade, consolidando-se como o primeiro degrau necessário para a conquista da sabedoria.

JONATHAN PAGEAU E O ESQUECIMENTO DO SENTIDO DO BELO: ARTE, NIILISMO E PARTICIPAÇÃO METAFÍSICA

Mateus Cimini

O que é uma obra de arte? Ou ainda, de forma mais incisiva, a famosa pergunta de nossos tempos: isso é arte? Para Jonathan Pageau, a crise contemporânea da arte nasce justamente do ocultamento do sentido do Belo e, por extensão, do próprio Ser, por meio dessas perguntas objetificantes. Segundo o entalhador de ícones, a arte tradicional não era compreendida como mera expressão subjetiva ou entretenimento estético, mas como manifestação simbólica de uma ordem transcendente que unia o visível e o invisível, o particular e o universal, o indivíduo e o coletivo. Para o artista ortodoxo, a arte nunca é um fim em si mesma, mas sempre o meio de unir o múltiplo no uno. Essa comunicação pretende demonstrar como da elevação do status da arte (como fim em si mesma) que acompanhou o progressivo esquecimento da metafísica, se seguiu uma queda do fazer artístico em 3 eixos: consumível, revolucionário e engenharia Social. Nosso autor defende que o itinerário da autoteleologia da arte está chegando ao seu termo inevitável, e que estamos na aurora de um ressurgimento do Logos no fazer artístico.

A NATUREZA DA VERDADE EM TOMÁS DE AQUINO

Natanderson Santos Luiz

A noção de verdade ocupa posição central na filosofia de Tomás de Aquino, constituindo um dos principais fundamentos de sua metafísica e teoria do conhecimento. Esta comunicação analisa a concepção tomista de verdade a partir da noção de *adaequatio rei et intellectus*, entendida como adequação entre a coisa e o intelecto. Fundamentado na tradição aristotélica e desenvolvido no interior da filosofia cristã medieval, o pensamento tomista compreende a verdade como relação entre o ser e a inteligência, reconhecendo a inteligibilidade da realidade e a capacidade do intelecto humano de conhecer objetivamente as coisas. O estudo possui caráter qualitativo e bibliográfico, tendo como principais referências a Suma Teológica e o *De veritate*, obras nas quais Tomás de Aquino desenvolve os fundamentos metafísicos e epistemológicos da verdade. A investigação também dialoga com a tradição aristotélica, especialmente no que se refere à relação entre conhecimento, realidade e racionalidade. Busca-se evidenciar que, para Tomás de Aquino, a verdade não se reduz a uma construção subjetiva, mas possui fundamento ontológico, estando vinculada à própria estrutura do ser. Desse modo, a concepção tomista de verdade apresenta uma compreensão integrada entre razão, realidade e conhecimento, mantendo relevância para os debates filosóficos acerca da objetividade do saber.

O CUIDADO COMO TOTALIDADE ESTRUTURAL DO *SER-AÍ* NA PRIMEIRA SECÇÃO DE *SER E TEMPO*

Paulo Henrique Alves de Souza

Trata-se de examinar a resposta elaborada por Martin Heidegger, em *Ser e Tempo* (1927), ao problema da unidade do ser frente à multiplicidade de seus sentidos, questão que atravessa a tradição metafísica ocidental desde Aristóteles. Enquanto a ontologia aristotélica compreende a unidade do ente a partir da primazia da substância (ou *ousia*), Heidegger interpreta essa orientação como responsável por uma compreensão do ser sob o horizonte da presença constante (*Vorhandenheit*), obscurecendo sua dimensão fática e existencial. Em contraposição, a analítica existencial desloca o centro da investigação para o ente que compreende ser – o *ser-aí* (*Dasein*) – e identifica no cuidado (*Sorge*) a estrutura ontológica unitária de seu ser. O cuidado não designa um estado afetivo-

psicológico, mas sim a totalidade do todo-estrutural, isto é, a unidade plena de todos os existenciais no fenômeno propriamente dito *ser-aí* ou ser-no-mundo, que articula existência, facticidade e decadência. O artigo argumenta que a determinação do cuidado como totalidade do todo-estrutural do *ser-aí* constitui a resposta heideggeriana à busca metafísica por um princípio de unidade de ser, não em termos categoriais ou substanciais, mas a partir da estrutura ontológica da existência. Assim, pretendemos: 1) explicitar a singularidade da retomada heideggeriana da questão do ser; 2) analisar a estrutura do cuidado na analítica existencial de *Ser e Tempo*; e 3) demonstrar em que sentido o cuidado constitui a unidade estrutural do *ser-aí*, oferecendo uma resposta ontológica ao problema da unidade do ser em sua multiplicidade de existenciais.

A ERA DA TÉCNICA, A FILOSOFIA OCIDENTAL E A AMBIGUIDADE POSICIONAL DO BRASIL

Pedro Vasques

A comunicação proposta levanta a seguinte interrogação: o Brasil está conclusivamente submetido às dificuldades identificadas por Martin Heidegger na Era da Técnica? O questionamento não pretende investigar se o Brasil está inserido na dinâmica global da técnica que, enquanto modo de manifestação dos entes em geral — e da natureza em particular —, os transforma em fontes de recursos disponíveis para extração, armazenamento e distribuição, conduzindo, entre outras consequências, à catástrofe ecológica. Isso é evidente, e os dados sobre o desmatamento da Amazônia são conclusivos. A questão é outra: considerando, por um lado, que Heidegger vinculou a Era da Técnica ao esquecimento do Ser e à história da filosofia ocidental e, por outro, que a posição do Brasil em relação ao Ocidente é ambígua — havendo aqueles, sobretudo os inequivocamente ocidentais, que não o reconhecem plenamente como parte dele —, o diagnóstico heideggeriano acerca da consumação da metafísica aplica-se perfeitamente ao Brasil? A incerteza quanto à posição do Brasil não poderia ser também uma incerteza acerca da adequação do diagnóstico heideggeriano? Não estaria guardada, no Brasil, uma das múltiplas possibilidades de uma era pós-técnica?

ONDE O CORPO RECEBE O INAPREENSÍVEL: SOBRE O APARECER E O EXCESSO

René Dentz

Este trabalho investiga a corporeidade a partir da fenomenologia do aparecer em Jean-Luc Marion, compreendendo o corpo não como objeto, mas como lugar privilegiado de doação do fenômeno. Em diálogo com Martin Heidegger, especialmente no que concerne à abertura do ser, propõe-se pensar o corpo como espaço onde o aparecer se impõe antes de qualquer apropriação pelo sujeito. Em Marion, certos fenômenos — sobretudo aqueles ligados à experiência sensível, ao amor e à alteridade — excedem a capacidade de constituição do sujeito, configurando-se como fenômenos saturados. Nesse horizonte, o corpo deixa de ser mera presença no mundo para tornar-se lugar de recepção de um excesso que o atravessa. Não se trata de um corpo dominado pela consciência, mas de um corpo exposto, afetado e convocado pelo que advém. Assim, a corporeidade é compreendida como instância de acolhimento do fenômeno, onde o sentido não é produzido, mas recebido. O corpo aparece como o primeiro lugar da experiência, anterior à objetivação, no qual o sujeito se descobre constituído pelo que o excede.

FILOSOFIA ATRAVESSANDO AS FRONTEIRAS DA UNIVERSIDADE: DESAFIOS DA EXTENSÃO PARA O ENSINO, A PESQUISA E A FORMAÇÃO DO PENSAMENTO CRÍTICO

Robson Figueiredo Brito

A extensão universitária é frequentemente apresentada como um dos pilares da formação universitária, contudo, em muitos discursos e práticas institucionais, ainda aparece como atividade complementar, dissociada da integração entre ensino, pesquisa e extensão tal qual apresenta Imperatore (2024). Nesse cenário, a extensão coloca desafios importantes para a

Filosofia e seu ensino, especialmente quando os estudantes são convocados a ultrapassar os limites da sala de aula e atuar em contextos sociais diversos. Muitas vezes, esse movimento é marcado por preconceitos, estereótipos e dificuldades de compreensão acerca dos cenários extensionistas e de seus sujeitos. Além disso, diversas metodologias permanecem centradas no saber-fazer técnico, reduzindo a experiência extensionista a práticas instrumentais enfraquecendo sua dimensão crítica e reflexiva. Em contraposição, a perspectiva dialógica inspirada em Bakhtin contribui para compreender a extensão como espaço de construção coletiva do conhecimento, no qual o sujeito se constitui na relação com o outro. Conforme Dahlet (2005), todo locutor constrói seu projeto de ação considerando um interlocutor situado em determinado contexto social e histórico, reconhecendo a não homogeneidade do sujeito filosófico e a constituição relativa de sua consciência pelo discurso de outrem. Assim, a extensão configura-se como experiência formativa capaz de ampliar e ressignificar o ensino da Filosofia contemporaneamente.

A SUPERAÇÃO DA DESINTEGRAÇÃO SIMBÓLICA

Rodrigo de Abreu Oliveira

O presente trabalho analisa a crítica de Eric Voegelin à modernidade, compreendida não apenas como transformação política ou cultural, mas como um processo de dissolução dos fundamentos da realidade e da consciência. Para Voegelin, a ordem humana depende da abertura da consciência ao transcendente, uma vez que o homem vive em tensão entre imanência e transcendência. Nesse contexto, os símbolos possuem função evocativa: não comunicam apenas informações, mas expressam experiências profundas da realidade. A pesquisa demonstra que a ruptura moderna ocorre quando os símbolos se afastam da experiência originária que lhes dá sentido, convertendo-se em doutrinas ideológicas e “verdades de segunda mão”. Esse processo favorece o dogmatismo, o ceticismo e a fragmentação da experiência humana. A linguagem, desligada da realidade, passa a servir à alienação e à manipulação ideológica, contribuindo para o fechamento da consciência. O estudo evidencia ainda que a crise política e social moderna decorre da desordem interior do homem. Em Voegelin, a restauração da ordem social exige a recuperação da ordem simbólica e

da abertura da consciência à transcendência. Filosofar, portanto, significa iluminar a experiência humana e resgatar a relação entre linguagem, consciência e realidade.

TÉCNICA E DESVELAMENTO: A ARMAÇÃO (*GESTELL*) E A AMBIGUIDADE DE SEU PERIGO (*GEFAHR*) NA ERA DA RACIONALIDADE TÉCNICO-CALCULADORA

Rondnelly Diniz Leite

A presente comunicação investiga a essência da técnica no pensamento de Martin Heidegger, tomando como eixo interpretativo a distinção entre a técnica antiga, compreendida como *poiesis* — um modo de desvelamento (*aletheia*) vinculado ao trazer-à-presença — e a técnica moderna, caracterizada como *Gestell*. Longe de uma abordagem instrumental ou meramente antropológica, a técnica moderna será analisada como um modo histórico de desvelamento que determina, de maneira antecipadora, a forma como os entes se manifestam, reduzindo-os à condição de fundo de reserva (*Bestand*). Nesse contexto, busca-se explicitar o nexos entre técnica e diferença ontológica, evidenciando como o predomínio da racionalidade técnico-calculadora tende a obscurecer a distinção entre ser e ente. De fato, ao elaborar um diagnóstico acerca do destino do ser em nossa época, a reflexão heideggeriana enfrenta o problema da absolutização da racionalidade técnico-calculadora, cujos desdobramentos conduzem ao abandono da questão sobre o sentido de ser. Contudo, essa mesma dinâmica revela sua ambiguidade essencial: ao mesmo tempo em que expõe o perigo extremo (*Gefahr*) de um obscurecimento do ser, deixa entrever, no interior desse próprio perigo, a possibilidade de emergência daquilo que salva (*das Rettende*).

A RECEPÇÃO HUSSERLIANA DA LÓGICA ARISTOTÉLICA: TRADIÇÃO E REPETIÇÃO

Saulo Grassi Mendonça

O objetivo principal desta comunicação é cotejar alguns aspectos básicos das lógicas de Aristóteles e Husserl, visando caracterizar a posição deste como uma retomada ou repetição da tradição. Para isso, partiremos do projeto inicial da Lógica Pura husserliana e de sua tarefa inicial de destacar os objetos lógicos (as significações [*Bedeutungen*]) da unidade que eles compõem com os atos da consciência. Em seguida, compararemos as determinações dadas por Aristóteles e Husserl ao conceito de expressão [*Ausdruck*], enfatizando a partir daí as concordâncias entre os dois pensadores em relação a três pontos: 1) a precedência da expressão categorial em relação ao índice; 2) a prioridade da proposição em relação às expressões não proposicionais (simples ou compostas); 3) a redução (i.e., recondução) de toda a linguagem ao âmbito da lógica apofântica. Por fim, à guisa de conclusão, conectaremos nossas considerações com o projeto heideggeriano de uma leitura radical de Aristóteles que visa retomar a tradição em seus aspectos mais originários. Essa conexão será alcançada por meio do próprio conceito de repetição [*Wiederholung*] em suas diferentes acepções. Com isso, pretendemos alcançar, ainda que timidamente, um entendimento mais aprofundado da relação de Husserl com seus antecessores e sucessores.

A AUSÊNCIA DO OUTRO E A CRISE DEMOCRÁTICA

Tailan Junior Neves Torres, Bolsista PIBIC/FAPEMIG (Projeto 35546)

Essa proposta de comunicação, intitulada a ausência do outro e a crise democrática, tem como objetivo destacar os desafios contemporâneos enfrentados pelas democracias diante da crescente erosão do espaço público. Partindo das reflexões de Byung-Chul Han, Hannah Arendt e Jürgen Habermas, busca-se compreender de que maneira a perda da capacidade de representação do outro compromete o exercício da vida democrática e a construção coletiva de sentido. Nesse contexto, ganha relevância a análise do impacto da digitalização pelas *Bigs Techs*, que, por meio do modelo de capitalismo de vigilância, transformam dados pessoais em mercadoria e reconfiguram as formas de sociabilidade, diálogo e participação política. O caso brasileiro, marcado por uma grave crise democrática, serve como referência empírica para refletir sobre como o egoísmo individualista, potencializado pelos mecanismos de controle, manipulação e desinformação digitais, contribui para o enfraquecimento da esfera pública, gerando um cenário de ausência do outro e de crescente ameaça à própria sustentação da democracia.

PLATÃO ESQUECEU O SER? UMA LEITURA HEIDEGGERIANA DA ONTOLOGIA PLATÔNICA

Tiago José Quadros Pereira

O artigo – a ser apresentado como comunicação ao Simpósio 2026 – analisa a noção de ser em Platão a partir da interpretação de Martin Heidegger em *Ser e Tempo* (2012), articulando essa leitura com os diálogos platônicos *Sofista* (2011) e *A República* (2001), além de contribuições de comentadores como Paulo César Nodari (2004), Vitor Ian Miranda Martins (2023) e Gabriel Debatin (2018). A investigação parte da compreensão do ser no *Sofista* como potência (dýnamis) e, em *A República*, como aquilo que é plenamente cognoscível, vinculado à teoria das Ideias e ao conhecimento verdadeiro. Esses elementos evidenciam a centralidade do ser na ontologia platônica, mas também sua articulação com a linguagem e a predicação. A partir de Heidegger, especialmente sua crítica à tradição metafísica, sustenta-se que o ser tende a ser reduzido ao ente enquanto presença e determinação conceitual. Nesse sentido, o “esquecimento do ser” não significa sua ausência, mas seu encobrimento histórico. A leitura de Martins (2023) reforça a relação entre ser e estrutura predicativa, enquanto Debatin (2018) destaca o papel da verdade como desvelamento. Conclui-se que Platão não elimina a questão do ser, mas participa de sua transformação histórica, enquanto *Ser e Tempo* reabre o problema ontológico em bases mais originárias.

O CONTRATO RACIAL: A PRODUÇÃO POLÍTICA DO OUTRO

Thiago Teixeira

As teses do contrato social inauguram um interesse moderno: compreender a experiência política como uma construção técnica e situada da vida social. A construção do pacto entre os sujeitos revela os limites artificialmente fabricados da humanidade, isto é, os parâmetros que direcionam proteção, cuidado e reconhecimento. A superação do “estado de natureza”, enquanto hipótese filosófica, em nome de um acordo entre aqueles que se posicionam como sujeitos, sustenta dois registros: hierarquia e exclusão. A hierarquia organiza politicamente os sujeitos a partir de critérios de valor e humanidade; a exclusão, por sua vez, delimita aqueles que serão afastados das garantias de reconhecimento e proteção. O contrato racial, categoria analítica e política enunciada por Charles Mills (2023), revela que a raça opera como paradigma de organização das relações de poder. Mais do que uma abstração, materializa-se na experiência política, decodificando humanidade, pertencimento e reconhecimento em oposição à desumanidade, uma zona do não-ser socialmente fabricada para naturalizar a violência. Assim, o contrato racial manifesta a lógica colonial interessada em fabricar o outro como inimigo e precarizar sua presença.

HEIDEGGER E A ARTE DO SEU TEMPO

Vaner Muniz Ferreira

Esta apresentação comenta a relação de Heidegger com a arte do seu tempo. Propõe-se uma leitura do ensaio *A origem da obra de arte* como intimamente relacionado à experiência da arte moderna, apesar da ausência de menções a ela, exceto pelo tímido exemplo da série de sapatos pintada por Van Gogh. É verdade que salta aos olhos da primeira à última versão do ensaio (desde sua elaboração em 1935 até os acréscimos de 1977) o repertório de obras “clássicas”: o templo de *Paestum*, a catedral de Bamberg, a *Antígona* de Sófocles e as esculturas de *Egina* e da *Bárbara* de *Ottenheim*. Esse inventário de exemplos nutre a opinião de que o gosto artístico de Heidegger seria arcaico e, em decorrência disso, ele seria inapto para analisar os fenômenos recentes do mundo da arte, sobre os quais não escreve uma linha sequer no ensaio. Diante dessas opiniões, procura-se oferecer, junto à leitura renovada do ensaio sobre a obra de arte, contraexemplos à suposta ausência de comentários à arte moderna. Para tanto, serão mobilizadas cartas, preleções, anotações e demais escritos de Heidegger, além dos valiosos registros feitos por seus interlocutores de então.

O ENIGMA DA SUBMISSÃO: UMA ANÁLISE DO *DISCURSO DA SERVIDÃO VOLUNTÁRIA* DE ÉTIENNE DE LA BOÉTIE

Vitor Santos Argolo

O foco central deste estudo é a obra seminal de Étienne de La Boétie, escrita no século XVI, que investiga o paradoxo fundamental da filosofia política: por que populações inteiras consentem com sua própria opressão por um único tirano? Enquanto o modelo de democracia clássica focava na participação e na liberdade (isegoria), La Boétie questiona as bases da obediência que anulam esses princípios. O estudo analisará os três pilares da servidão identificados pelo autor: o hábito ou costume, que faz com que os indivíduos aceitem a submissão como natural; o teatro da tirania, que utiliza distrações e prazeres para entorpecer a vontade de liberdade; e a cadeia de subordinados, a rede de "pequenos tiranos" que sustentam o poder central por interesse próprio. O objetivo é compreender a natureza da liberdade e a recusa do consentimento como o único caminho para a dissolução do poder tirânico.

A ATUALIZAÇÃO DO CONCEITO DE EMPATIA EM ROMAN KRZNARIC

Wagner Júnior

O presente trabalho analisa a transformação do conceito de empatia na filosofia contemporânea, evidenciando a passagem de uma abordagem fenomenológica para uma compreensão prática e social. Parte-se das contribuições de Max Scheler e Edith Stein, que concebem a empatia como experiência de acesso à interioridade do outro e fundamento da intersubjetividade. Em Scheler, destaca-se a dimensão da participação afetiva na compreensão dos sentimentos alheios, enquanto, em Stein, a empatia é entendida como elemento constitutivo da pessoa e das relações comunitárias. Em seguida, examina-se a releitura proposta por Roman Krznaric na obra *O Poder da Empatia*, na qual o conceito é reinterpretado como prática ética e social. Conclui-se que essa

mudança de enfoque amplia o alcance da empatia, concebendo-a como instrumento de transformação social e de enfrentamento do individualismo contemporâneo.

A DESCONSTRUÇÃO DO TEMPO CRONOLÓGICO NA FILOSOFIA DE BERGSON E HEIDEGGER

Wellington Santos

A presente comunicação propõe uma análise comparativa da noção de tempo em Henri Bergson e Martin Heidegger, tomando como ponto de partida a crítica comum ao tempo cronológico e espacializado pela ciência moderna. A tradição científica ocidental acabou por reduzir o tempo a uma sucessão objetiva de instantes ou “agoras” quantificáveis. Enquanto Bergson compreende o tempo verdadeiro como duração (*durée*), caracterizada pelo fluxo contínuo e qualitativo da consciência, e Heidegger interpreta o tempo a partir da temporalidade existencial do Dasein, criticando a compreensão vulgar do tempo como sucessão linear de instantes mensuráveis. O trabalho pretende investigar em que medida ambos os filósofos se aproximam na crítica à redução quantitativa do tempo e em quais aspectos se distanciam, sobretudo quanto ao fundamento ontológico de suas reflexões e às implicações filosóficas decorrentes dessas diferenças conceituais. A metodologia utilizada será de caráter bibliográfico e hermenêutico, com análise de extratos de obras centrais como *Matéria e Memória* e *Ser e Tempo*, além de comentadores contemporâneos especializados na temática do tempo. Pretende-se concluir que, embora partam de perspectivas filosóficas distintas, Bergson e Heidegger compartilham o esforço de recuperar uma experiência originária do tempo para além da objetivação científica.